

UM ESTUDO SOBRE A PARTICIPAÇÃO FEMININA NA CAPOEIRA EM CAMPINAS/SP

Profa. Carla Cristiane Fernandes⁵

Profa. Ms. Paula C. da C. Silva⁶

Resumo:

Trata-se de um trabalho que analisou a inserção feminina nas aulas e rodas de Capoeira na cidade de Campinas/SP e seu objetivo foi investigar se as capoeiristas sofriam preconceitos na prática da Capoeira e como ele ocorria. Foram investigadas cinquenta capoeiristas e se pode constatar, dentre outras coisas, que elas sofrem preconceitos na participação em rodas de Capoeira, principalmente, aquelas compostas por grupos que elas não fazem parte.

Palavras-chaves: Capoeira, Gênero, Capoeira e Mulher.

1. INTRODUÇÃO

O tema “Mulher e Capoeira” é um tema pouco estudado, entretanto, percebemos um interesse do(a)s estudioso(a)s da Capoeira em ampliar esses estudos e este trabalho vem colaborar com essas ações.

Como se trata de uma pesquisa que perpassa a questão de gênero podemos defini-lo, de acordo com Karuka (2005, p. 69), como uma

[...] categoria de análise histórica, servindo, portanto, como uma das categorias que possibilitam a análise das relações sociais em uma dada sociedade, e não para determinar como homens e mulheres devem se comportar. Os comportamentos devem determinar o gênero e não o contrário

Portanto, procuramos identificar nesta pesquisa as relações estabelecidas entre as diferentes pessoas que compõem os grupos analisados buscando dar voz às mulheres praticantes de Capoeira para sabermos como estas relações vêm se desenvolvendo na atualidade.

Os trabalhos que tratam dessa temática ainda são poucos. Do levantamento bibliográfico realizado tivemos acesso somente a um estudo brasileiro, o de Heloisa T. Bruhns (2000), que através de depoimentos de mulheres que praticavam Capoeira,

⁵ Licenciada em Educação Física pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP).

⁶ Doutoranda no programa de pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. É sócia-pesquisadora do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte e participa como pesquisadora do Laboratório de Estudos sobre Arte, Corpo e Educação, do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação Física Escolar e do Grupo de Estudos sobre Capoeira (GECA). É capoeirista da Escola de Capoeira Saci Pererê.

também na cidade de Campinas/SP, procurou construir um pequeno referencial para entender como se dava a participação feminina no universo capoeirístico.

Da pesquisa realizada na rede mundial de computadores (internet) encontramos o artigo de Maria José Somerlate Barbosa que trata da representação feminina nas cantigas de Capoeira. Nele a autora analisou trezentos e noventa e sete cantigas e constatou que cerca de vinte e cinco por cento dessas abordam a representação feminina na sociedade e no universo da Capoeira.

De acordo com a autora, há cantigas em que nos são apresentados indícios de sexismo na Capoeira, como aquelas que tratam da figura feminina de forma subalterna, demonstrando abertamente o machismo que ainda permeia algumas relações entre homens e mulheres como no trecho dessa canção: *“Tem dendê/ dendê, dendê di Maré / vou dizer a dendê sou homem não sou mulher”* (BARBOSA, 2005, p.06).

Outras, como na ladainha abaixo, o cantador “roga praga” e deseja morte às mulheres ciumentas, qualidade que também pode ser atribuída aos homens, vejamos:

“Ela tem dente de ouro / ela tem dente de ouro / foi eu quem mandei botar / vou rogar nela uma praga / pra esse dente se quebrar / Ela de mim não se lembra, ora meu Deus, nem dela vou me lembrar... Casa de palha palhoça / se eu fosse fogo eu queimava / toda mulher ciumenta / se eu fosse a morte eu matava / Camaradinha, viva meu Deus!”⁷.

Apesar dessa ladainha não ser citada no trabalho de Barbosa (2005), ela retrata um tema discutido pela autora que é a questão do castigo psicológico ou físico, perante as atitudes que fogem do controle disciplinar e controlador de parte da população masculina. Nesse sentido, a aplicação de castigos se justifica à medida que compensaria o sofrimento emocional do homem fosse ele causado pelo ciúme ou pela traição de sua companheira.

Existem outras músicas que associam o comportamento da mulher na Capoeira de forma masculinizada como:

Dona Maria de Camboatá / ela entra na roda e dá “sarto” morta / Dona Maria do Camboatá / ela entra na venda e já manda “botá”⁸.

Pode-se observar que para a mulher ser valorizada no ambiente da Capoeira, como anuncia essa cantiga, ela deve ter um comportamento masculino, como tomar uma bebida alcoólica em um bar (*ela entra na venda e manda botá*), retirando-lhe as características de feminilidade e reforçando os papéis atribuídos aos homens e às mulheres na sociedade.

Entretanto, não podemos descontextualizar o universo capoeirístico de uma realidade na qual as mulheres, até hoje, não têm os mesmos direitos que os homens. Torna-se importante salientar que as conquistas femininas, no mundo ocidental, são recentes do ponto de vista histórico e até hoje não são acessíveis à todas as mulheres.

⁷ Ladainha de capoeira de domínio popular. A ladainha diferencia-se do canto corrido por ser uma canção que narra uma história antes do início do jogo entre os capoeiristas. No momento em que ela é cantada não é permitido que se jogue.

⁸ Canto corrido de domínio popular.

No âmbito esportivo não podemos deixar de mencionar a situação que envolvia a mulher na prática de exercícios e de atividades esportivas há alguns anos atrás. E, nesse sentido, a defasagem histórica da mulher resulta, na atualidade, de sua menor participação nas atividades esportivas e numa desvantagem performática em algumas modalidades esportivas ou práticas corporais.

Com base em Castellani Filho (1991), podemos situar a chegada da Educação Física ao Brasil no início do século XIX tendo como principal tarefa a eugeniação e higienização da população brasileira. Essas funções atribuídas à Educação Física alimentavam a idéia que as mulheres que praticassem ginástica se tornariam mais fortes e saudáveis e teriam maiores chances de gerarem filhos saudáveis.

A Educação Física para as mulheres abrangia apenas os trabalhos manuais, os jogos infantis, a ginástica educativa, etc. Elas eram proibidas de praticar lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, pólo, rugby, halterofilismo e baseball. Essa divisão de exercícios se devia a compatibilidade da delicadeza do organismo das mães, uma vez que os exercícios tinham por função construir um corpo feminino apto a suportar a nobre tarefa da reprodução.

Esta situação persistiu por muitos anos e somente na década de 1960, com a luta feminista, a situação da mulher começou a mudar, tanto no âmbito familiar, como no profissional e afetivo.

Estas mudanças naturalmente afetaram sua participação nas atividades esportivas e, paulatinamente, estas repercussões chegaram ao Brasil.

Em 1979, o Conselho Nacional dos Desportos foi obrigado a liberar a prática de artes marciais para as mulheres, após grande polêmica gerada pela participação de atletas mulheres que forjaram sua identidade para competir e sagraram-se vencedoras.⁹

Hoje as mulheres têm muito mais espaço na sociedade, trabalham em cargos de chefia e estão à frente de grandes projetos sociais. Na Capoeira existem mestras, contra-mestras e professoras no Brasil e no exterior desenvolvendo trabalhos de qualidade. Diante disso, não haveria mais nenhum motivo para as mulheres serem consideradas como “sexo frágil” ou menos aptas que os homens. Mas, infelizmente, o preconceito persiste.

No caso da Capoeira o preconceito advém de uma tradição masculina em sua prática e também devido a sua ambigüidade que da mesma forma que torna a Capoeira uma rica manifestação cultural, também a reduz a luta marcial, campo em que recentemente as mulheres se inseriram.

O preconceito existe não só da mulher jogar Capoeira, mas também de tocar instrumentos, cantar, etc. A Capoeira ainda é um mundo masculino, do qual a mulher se sente “permitida” a participar de acordo com os estudos de Bruhns (2000).

Entretanto, a prática da Capoeira tem crescido e a cada dia ela vem conquistando espaço privilegiado dentro da sociedade. Esta arte tem se expandido muito rápido na última década, ganhando a cada ano, um grande número de adeptos por todo o território nacional e também no exterior. Mas, nem sempre foi assim.

⁹ Para saber mais sobre episódio consultar CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. 2ª ed. Papirus: Campinas, 1991.

De acordo com os historiadores a origem da Capoeira ainda hoje é fonte de inúmeras contradições. Não se sabe se ela foi trazida pelos negros escravos da África ou se eles a inventaram no Brasil.

Soares (1994) afirma que a prática da Capoeira acontecia nas raras horas de folga dos escravos. Era um momento de formar ágeis e perigosos lutadores, e também dos escravos se integrarem, através da prática de formas religiosas e ritualísticas da cultura africana resistindo culturalmente à opressão escravagista.

Com a abolição da escravatura essa manifestação cultural passou por período crítico, culminando com a sua proibição no Código Penal - anteriormente a Capoeira já sofria perseguições e era proibida. A proibição ocorreu num período de transição da estrutura social brasileira no qual a ideologia positivista e o regime econômico liberal eram implantados.

A repressão aos capoeiras foi amparada pelo Código Criminal de 1890, no capítulo XII, artigo 402, 403 e 404. Durante anos a Capoeira foi praticada às escondidas nos quintais, terreiros ou pontos desertos das cidades.

A partir de 1927, com base na Capoeira praticada até então, surgem, em Salvador/BA, propostas diferentes para sua prática, uma delas foi a “Capoeira Regional”. O maior responsável pela sua criação foi Manoel dos Reis Machado, conhecido como Mestre Bimba. Segundo o historiador Pires (1996), foi neste período que houve a cisão entre as modalidades de Capoeira sendo a de Mestre Bimba denominada de Capoeira Regional e a proposta encabeçada por Vicente Ferreira Pastinha, o Mestre Pastinha, e outros mestres, denominada de Capoeira Angola. Foi a partir deste marco, chamado por Reis (1997) de “reinvenção da tradição”, que a Capoeira tornou-se um ícone da cultura baiana. Ainda nesta década ela foi legalizada pelo governo populista de Getúlio Vargas.

Em 1972, após anos de tentativas de alguns capoeiristas, finalmente a Capoeira foi considerada uma modalidade esportiva e vinculada à Confederação Brasileira de Pugilismo.

A partir daí tiveram início às competições tanto no âmbito escolar/universitário, como aquelas organizadas pelas federações. Essas competições persistem até hoje, com profundas alterações em seu regulamento, porém, são motivos de grande polêmica, principalmente, no que diz respeito à adequação da Capoeira ao sistema competitivo.

Em 1992 foi fundada a Confederação Brasileira de Capoeira. Essa entidade pertencente ao Sistema Desportivo Nacional tem um enfoque exacerbado no aspecto esportivo desta luta. Alguns dos seus principais objetivos são: a organização de competições e a padronização desta manifestação cultural.

Entretanto, existe uma organização dos grupos de Capoeira que extrapola o universo esportivo e que faz com que esta manifestação não seja homogênea. Inclusive, existe uma grande disparidade nos nomes de golpes e na forma de se jogar Capoeira entre os grupos e isso, em alguns casos, gera um ambiente de grande rivalidade.

A Capoeira hoje passa por um rápido processo de expansão. Há um aumento de praticantes desta arte e alguns mestres temem a deturpação de suas tradições. Com certeza, os novos processos de “reinvenção das tradições” capoeirísticas (REIS, 1997) estão ocorrendo, mas, levando-se em consideração que as tradições são construídas historicamente por homens e mulheres, pensamos que cada ser humano neste processo deve ser respeitado independente de sua raça, religião, credo e sexo.

2. METODOLOGIA

Esta investigação foi desenvolvida através de uma combinação de pesquisa bibliográfica e exploratória.

Com base na pesquisa bibliográfica construímos o referencial teórico para a discussão dos dados obtidos na pesquisa de campo e esta foi realizada no Sistema de Bibliotecas e Informação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas e Sistema de Bibliotecas Virtuais da Universidade Estadual de Campinas utilizando-se como palavras-chaves os uni-termos: capoeira, capoeira e mulher, história da Educação Física. Foi feito também um levantamento complementar na rede mundial de computadores (internet) utilizando-se essas mesmas palavras chaves.

Na pesquisa exploratória utilizamos como instrumentos para a coleta de dados a observação não participativa em duas academias que ofereciam a manifestação cultural Capoeira no rol de atividades, bem como, a observação de rodas organizadas na cidade de Campinas/SP. Aliada à observação não participativa aplicamos um questionário composto por questões abertas e fechadas para as capoeiristas das academias e das rodas de Capoeira. O questionário teve como objetivo indagar sobre a receptividade que as mulheres têm quando decidem praticar Capoeira, tanto com relação à sua família, como nas academias onde a praticam. Além disso, buscamos saber se as mulheres sofriam algum tipo de discriminação nas aulas ou nas rodas e como os seus professores ou mestres encaravam a mulher na Capoeira.

Os questionários foram aplicados mediante a assinatura do termo de consentimento das participantes. O período de aplicação foi de 15 de abril a 10 de junho de 2005, onde obtivemos o total de cinquenta questionários respondidos em rodas de Capoeira dos bairros de Barão Geraldo, Cambuí, Centro e Nova Aparecida, em Campinas/SP.

A análise do material coletado foi feita a partir de uma abordagem qualitativa.

3. RESULTADOS

Os resultados obtidos através dos questionários nos proporcionaram traçar um perfil das capoeiristas englobando sua idade, o tempo de prática da Capoeira e os motivos que as fizeram escolher esta manifestação como prática corporal. Além disso, levantamos os dados relativos aos preconceitos sofridos pelas participantes na Capoeira.

Do total de cinquenta mulheres que responderam ao questionário, oitenta por cento têm mais de vinte anos de idade e sessenta e quatro por cento delas fazem Capoeira há mais de seis meses e há menos de dois anos, vinte por cento praticam capoeira há mais de dois anos e dezesseis por cento há menos de seis meses. Portanto, obtivemos o total de oitenta e quatro por cento de capoeiristas que convivem no ambiente da Capoeira há mais de seis meses. É interessante apontar que durante as observações algumas falas de mestres e

professores de Capoeira foram marcantes, dentre uma delas, a de um contra-mestre que nos disse que as mulheres que praticam Capoeira há mais tempo são mais respeitadas pelos homens do seu grupo.

Dentre os motivos que levaram estas mulheres a praticarem Capoeira tivemos sessenta e seis por cento que iniciaram esta prática com o intuito de ganhar condicionamento físico e flexibilidade. Um percentual de vinte e dois por cento afirmou que o motivo que as levou à Capoeira diz respeito ao seu aspecto cultural amplo que não se restringe somente a uma modalidade esportiva.

Já com relação ao preconceito sofrido pelas mulheres na Capoeira constatamos que atualmente os familiares aceitam mais a inserção de suas filhas, esposas ou mães nesta manifestação cultural isso reflete o percentual de sessenta por cento de aceitação da prática da Capoeira pela família. Entretanto, trinta por cento das mulheres afirmaram que suas famílias não as aceitam como capoeiristas, principalmente, àquelas que iniciaram sua prática há mais tempo.

Foi indagado às participantes se elas percebiam uma diferenciação no tratamento dos mestres ou professores de Capoeira destinado às mulheres capoeiristas, noventa por cento afirmou que não percebia nenhuma diferenciação no tratamento e dez por cento afirmou que notava uma certa diferenciação. Não foi questionado que tipo de diferenciação, portanto não podemos discutir se estas mulheres julgavam estar sofrendo algum tipo de preconceito ou não. Entretanto, encaramos de forma muito positiva que a grande maioria não percebeu nenhuma diferenciação no tratamento dado.

Entretanto, quando as pesquisadas responderam a pergunta sobre se já sofreram preconceito na prática da Capoeira a grande maioria, noventa e seis por cento, disse já ter sofrido alguma discriminação, seja através de músicas preconceituosas no momento em que participavam de uma roda, ou através de outro tipo de intimidação como: atitudes de desprezo, recusa de homens em jogar com uma mulher, comentários maldosos, etc.

Outros resultados interessantes que obtivemos foi com relação ao preconceito sofrido pelas capoeiristas em rodas organizadas pelo grupo que fazem parte e por outros grupos dos quais não são participantes. O respeito e aceitação de mulheres capoeiristas nas rodas organizadas pelo grupo na qual fazem parte é de noventa e oito por cento, enquanto que a aceitação e respeito às mulheres capoeiristas participantes de outros grupos de Capoeira é de somente trinta por cento. Este dado revela que provavelmente a rivalidade entre os grupos de Capoeira na atualidade é um elemento determinante no tratamento destinado às mulheres, como também, aos próprios homens capoeiristas pertencentes a grupos rivais.

Por fim, deixamos em aberto um tópico do questionário, caso as mulheres entrevistadas quisessem tecer algum comentário sobre a participação feminina na Capoeira. Obtivemos algumas observações importantes que revelam por parte das mulheres a satisfação de participarem de um espaço que anteriormente era somente masculino. Elas revelaram também que as atitudes preconceituosas de mestres e professores de Capoeira vêm

diminuindo e que aqueles que ainda agem de forma preconceituosa podem ser encarados como ultrapassados. Esta questão é interessante à medida que um contramestre afirmou, em uma das observações feitas, que em sua academia o número de mulheres praticantes cresceu cem por cento nos últimos anos, ao ponto dele ter turmas predominantemente femininas. Outra observação interessante é que conversando com os capoeiristas muitos encaram a questão do preconceito com relação à mulher na Capoeira como um temor, muitas vezes inconsistente, dos homens em perderem um espaço tradicionalmente masculino na sociedade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela participação feminina na Capoeira aumentar a cada dia há muito que se discutir sobre este assunto. Notamos nesta pesquisa que ainda faltam produções sobre o tema.

Os preconceitos que as entrevistadas relatam são, em grande maioria, percebidos através da utilização de músicas e frases preconceituosas, demonstrando o caráter sexista no universo capoeirístico. Percebemos que a naturalização do uso das músicas de Capoeira que tratam as mulheres de forma desrespeitosa é justificada pela tradição que deve ser mantida para a preservação das raízes da Capoeira. Não concordamos com esta justificativa, uma vez que sabemos que as tradições são construídas por homens e mulheres situados historicamente.

Outro ponto importante que pudemos tratar diz respeito as rivalidades entre os grupos de Capoeira que atinge as relações de gênero entre os participantes de grupos rivais. Este assunto se mostra profícuo para abordar este tipo de comportamento não só na Capoeira, como também, no universo das demais modalidades esportivas, como, por exemplo, no futebol.

Para concluirmos vale a pena lembrar que de acordo com Silva (2002) a Capoeira é um misto de luta, dança, brincadeira, teatralização, jogo e tem inúmeras qualidades e características, que fazem com que ela possa ser praticada por qualquer pessoa, independente de sua raça, religião, sexo, idade, condição física, etc. Isso faz com que repensemos, a todo momento, o papel da mulher na sociedade e nas atividades corporais, em especial na Capoeira. Pensamos que ela deve ser pensada, proposta e praticada de forma democrática e igualitária e para reforçarmos esta idéia vamos nos remeter ao imemorable Mestre Pastinha, que na década de 1960 já afirmava que “[...] a Capoeira é pra homem, minino e MULHER, só não joga quem não qué”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, M. J. S. A representação da mulher nas cantigas de capoeira. **Disponível em:** <<http://www.plcs.umassd.edu/plcs12texts/barbosajun162006.doc>>. Acesso em: 02 out. 2008.

BRUNHS, H. **Capoeira, Carnaval e Futebol**. Campinas: Papirus, 2000.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. 2ª ed. Campinas: Papirus, 1991.

KARUKA, M. K. **A RBCE e os anais dos CONBRACES: gênero, o sexismo e a educação física em suas páginas**. Monografia (Monografia de Conclusão de Curso), Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2005.

PIRES, A. L. C. S. **Movimentos da cultura afro-brasileira: a formação histórica da capoeira contemporânea (1890 – 1950)**. 2001. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCH), Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

_____. **A capoeira na jogo das cores: criminalidade, cultura e racismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1937)**. 1996. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCH), Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

REIS, L. V. de S. **O mundo de pernas para o ar: a Capoeira no Brasil**. São Paulo: Publisher Brasil, 1997.

SILVA, P.C.C. **A Educação Física na roda de Capoeira – entre a tradição e a globalização**. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2002.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808 – 1850)**. Campinas: UNICAMP: Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 2001.

_____. **A negregada instituição: os capoeiras no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Coleção Biblioteca Nacional, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Deptº Geral de Documentação e Informação Cultural, 1994.

Endereço das autoras:

Carla Cristiane Fernandes – Rua Américo de Campos, 630 - Cidade Universitária – Campinas/SP
– CEP: 13083-040 – e-mail: carla_c_fernandes@yahoo.com.br

Paula Cristina da Costa Silva – R. Helenita Ap. Bassan de Sá, 480 – Bosque de Barão Geraldo – Campinas/SP – CEP: 13082-754 – e-mail: letpau@yahoo.com.br